

## PSICANÁLISE ↔ LITERATURA

Maria Inês Baccarin,<sup>1</sup> Uberlândia

minesbaccarin@gmail.com

Psicanálise e literatura se entrelaçam em apreensões do humano: do existir, do ser e do conviver. Entrelaçam-se em apreensões e comunhões da verdade com a beleza.

A psicanálise expande os horizontes do humano, aprofunda e refina compreensões de subterrâneos da alma, traz à tona tesouros (recursos) desconhecidos e abre caminhos (instrumentos) para que floresçam e frutifiquem.

A literatura expande e enriquece as capacidades de sonhar e de se comunicar do analista.

Ambas, de diferentes e aproximadas formas favorecem acréscimos em sabedoria, humanização e aberturas ao desconhecido infinito, que nos rodeia...

### **Escrever: Como? Por quê? Ou, para quê?**

As palavras poéticas chegam inesperadamente, procedentes de vivências significativas ou de recordações que se entrelaçam em recônditos ora esquecidos, ora desconhecidos da alma. Por vezes, têm também familiaridade com vivências recentes e trazem nuances coloridas das emoções experimentadas. São presenças marcantes, a buscar hospedagem nos pensamentos.

Quando elas chegam e eu as acolho, pondo-me a escrever, tem início um bailado entre nós. Acomodam-se de uma dada forma nos aposentos que lhes ofereço, ora no papel, ora na tela do computador. Aos poucos, outras vão chegando, novos passos surgem e algumas mudanças na coreografia. Afinadas com minhas verdades – que a despeito de serem relativas e mutáveis podem tocar outros seres – e em busca de alguma beleza elas vão entre-tecendo emoções, pensamentos e dando à luz novos sentidos de fragmentos do “ser” e do viver.

Quando assim recebo as palavras que me visitam torno-me não apenas autora de um poema ou de um texto poético. Torno-me um pouco mais “eu mesma”, com uma suave e gratificante sensação de potência, de estar esculpindo meu próprio viver.

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia e Região (NPU). Doutora em Ciências Médicas na área de Saúde Mental, Unicamp. Professora aposentada da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

## **Narrar, traduzir, trans-formar**

Narrar, verbo transitivo.  
Narro histórias e estórias,  
de um cotidiano permeado por turbulências,  
incertezas, angústias, medos,  
procuras, lutas, sonhos, esperanças,  
descobertas, alegrias...

Dizes tratar-se apenas de um estilo diarístico o que narro?  
Não lês também a melodia que compõe a narrativa?  
É ela que colore aquilo que narro, que tu narras  
e que no universo das sensibilidades  
introduz inusitados ângulos,  
ora sombrios, ora iluminados.

O que narras não é o que em ti busca sentido?  
E que habitando tua alma urge por ser compartilhado?  
Eu me narro, tu te narras, ele se narra.  
Eu me narro, tu me ouves. Mas me escutas?  
Percebes os diversificados tons  
da musicalidade em minha voz?

Embora fragmentos, recortes,  
pequena colcha de retalhos das experiências da vida,  
Minha narrativa me traduz, te traduz,  
nos traduz a todos, seres humanos  
em perene busca por continentes de firmes e ternos limites,  
por re-conhecimentos, sentidos, laços.  
Quando me narro e tu mais que me ouves, me escutas,  
comungamos emoções, sentidos,  
mutuamente nos esculpimos.

## Interstícios

Cresceu de mãos dadas com o “super”  
 Super exigências, super obediência,  
 Super religiosidade, super deveres...  
 Os movimentos da vida trouxeram outros super(s)  
 Super concordâncias, super recato, super...  
 Mesmo em mundo tão exigente, o sol se entremeava,  
 Com considerável frequência.  
 Vez por outra, resplandecia, fazendo-a sorrir e dançar.  
 Por vezes, ele chegava no colorido dos seus sonhos,  
 Por vezes, através do mágico mundo das letras.  
 As palavras envelopavam suas múltiplas emoções.  
 Entre as tantas novas possibilidades e demandas da vida,  
 Ela seguia esperançosa,  
 Contente com o calor e a luz do sol,  
 a despeito dos açoites dos superlativos a lhe oprimirem a alma.  
 Chegaram tempos de novas conquistas e construções.  
 Queria dançar, mas a perna endureceu. Ou foi o quadril?  
 Cadê o sol que enfraqueceu?  
 Escondeu-se novamente à sombra cinzenta e pesada dos “super”?  
 Super deveres, super competências...  
 Vem a maturidade, vem a envelhescência,  
 Novas demandas do eu, do ser, do outro, do viver.  
 Tempos de desconhecidas angústias.  
 Agrada-lhe abrir as janelas às palavras  
 Recebe as que chegam de fora, ora com susto, ora com delicadeza,  
 Convida-as, então, para um chá com bolachas e uma amigável conversa.  
 Acolhe cuidadosamente também as que chegam  
 Dos escuros e desconhecidos quartos da casa.  
 Dá-lhes a mão, e algumas vezes, as recebe como filhas,  
 Re-conhecendo através delas novos ângulos de seu próprio ser.  
 Nestes momentos, o sol entra pela casa  
 Com a irradiância dos tempos de infância  
 Acompanhado por benfazejos raios de sabedoria.